

Dados para uma melhor compreensão das Estruturas de Coordenação em Português

Rui P. Chaves

Grupo de Computação do Conhecimento Léxico-Gramatical
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
rui.chaves@clul.ul.pt

Resumo

Este artigo discute vários aspectos sintácticos e semânticos relativos à coordenação, e em particular, à coordenação no Português Europeu. Argumenta-se aqui que as estruturas de coordenação não têm sido correctamente avaliadas na literatura mais recente no que diz respeito à sua relação com estruturas comparativas, a fenómenos de concordância, e a fenómenos de anáfora. Este trabalho pretende assim contribuir para uma caracterização mais adequada dos factos empíricos.

1 Introdução

Recentemente, Matos (2002) e Colaço (2005) abordam variados fenómenos relativos às estruturas de coordenação em Português Europeu e discutem análises teóricas para os mesmos. Contudo, estas propostas assentam em algumas observações que são empiricamente problemáticas. O objectivo do presente trabalho é o de perspectivar e caracterizar os factos empíricos de forma a que posições teóricas futuras possam ser melhor fundamentadas.

Na secção 2 argumenta-se que as estruturas comparativas não são estruturas coordenadas, ao contrário que que é proposto por Matos (2002) e outros. Na secção 3 argumenta-se contra a ideia de que o Português exhibe fenómenos de concordância parcial, ao contrário do que é proposto em Colaço (2005). É mostrado como os dados em causa podem ser vistos como sendo consequência de um tipo de elipse independentemente motivado. Na secção 4 são discutidos alguns dados de concordância que são verdadeiramente problemáticos. Na secção 5 mostra-se que não há assimetrias nas relações anafóricas que podem ser observadas nas estruturas de coordenação, ao contrário do que é afirmado em Matos (1994). Por fim, na secção 6 é mostrado que a proposta em Vigário (2003) de que existe um tipo de elipse particular à coordenação lexical e um tipo de elipse particular à sintaxe é muito problemática. Argumenta-se que os fenómenos se devem a um único tipo de elipse, que

se aplica de forma igual a sequências fonológicas independentemente destas serem lexicais ou não.

2 Comparativas vs. Coordenadas

Matos (2002, 746) argumenta que as estruturas comparativas são estruturas coordenadas. Para que esta hipótese possa ser aceite é necessário que haja argumentos empíricos independentes que a motivem. Um dos argumentos oferecido é o de que ambas as construções se aplicam a constituintes de categorias variadas. Este é o caso de coordenações adjectivais, preposicionais ou nominais.

- (1) a. O Nuno é [ou [simpático]] [ou [engraçado]].
b. O Nuno é [tão [simpático]] [como [engraçado]].

Contudo, nenhum levantamento sistemático destas combinações é feito, o que condiciona a avaliação do argumento. Na verdade, o argumento é problemático visto que há várias instâncias em que as estruturas coordenadas e as estruturas comparativas diferem quanto às categorias que podem ser comparadas/coordenadas:

- (2) a. O Nuno deve achar [(ou) [que a Ana é simpática]] [ou [que o Carlos é engraçado]].
b. Eu acho [que o Nuno gosta da Ana] e [que a Ana gosta dele].
c. Os condutores não podem [guiar e beber].
- (3) a.*O Nuno deve achar [tão [que a Ana é simpática]] [quanto [que o Carlos é engraçado]].
b.*Eu acho [que o Nuno gosta da Ana] tanto quanto [que a Ana gosta dele].
c.*Os condutores não podem [tão guiar] [quanto beber].

Outros exemplos revelam a mesma discrepância no que diz respeito às categorias coordenáveis e às categorias comparáveis:

- (4) a. Ele comprou ou cinco ou seis garrafas de água.
 b. Eles os dois compraram cinco e seis garrafas, respectivamente.
 c.*Ele comprou tão cinco quanto seis garrafas.

Estes factos não provam que as estruturas comparativas não são coordenadas, mas evidenciam que esta posição não é pacífica: as estruturas de coordenação permitem combinar um leque mais vasto de categorias do que as comparativas.

É de salientar que o facto de um mesmo tipo de estrutura poder co-ocorrer com constituintes de várias categorias não implica que este seja uma estrutura de coordenação. Um exemplo são estruturas de complementação com verbos de discurso indirecto, que toleram várias categorias sem que isso implique que a relação estrutural que se estabelece seja de coordenação:

- (5) Ele quer $\left\{ \begin{array}{l} \text{um livro.} \\ \text{cantar.} \\ \text{a Ana a estudar.} \\ \text{que a Ana estude.} \\ \text{é que a Ana estude.} \end{array} \right\}$

Pela mesma razão, não é claro que haja uma verdadeira correlação categorial entre as estruturas de coordenação e as estruturas de comparação.

O segundo argumento dado por Matos (2002) é o de que as estruturas comparativas obedecem à Condição da Estrutura Coordenada (*Coordinate Structure Constraint*, doravante CEC), originalmente formulada em Ross (1967). Esta conclusão é obtida a partir do exemplo dado em (6), que Matos (2002, 746) caracteriza como sendo anómalo:

- (6) *O que é que o Luís é mais _ do que o João é trabalhador?

Foram consultados vários falantes e todos consideraram (6) gramatical, embora difícil de contextualizar. A razão para a dificuldade parece residir no tipo de termos comparados: o grau de trabalho que o João desenvolve e um termo indefinido. A estranheza provavelmente advém da dificuldade encontrar um contexto onde a enunciação de (6) seja plausível e natural. Em estruturas comparativas em que os termos comparados são menos inesperados, não há anomalia:

- (7) a. Do que é que a Ana sabe mais _ do que nós sabemos de futebol?
 b. De quem é que o Tó gosta tanto _ quanto a Ana gosta de mim?
 c. A quem é que nós ganhámos mais vezes _ do que o PSV nos ganhou?
 d. Qual foi o carro que tu disseste que _ custava mais do que um BMW custa?

Todas estas frases deveriam ser impossíveis caso as comparativas obedecessem à CEC. O que quer que seja a causa da aparente marginalidade de (6), esta não se deve a uma violação da CEC como os dados em (7) e (10) evidenciam. Assim sendo, um dos argumentos centrais a favor da hipótese de que as comparativas são estruturas coordenadas em Matos (2002, 746) acaba por se tornar um argumento contra a mesma.

Como podem as comparativas ser estruturas coordenadas e não obedecer à CEC? Embora Ross (1967) tenha notado casos de coordenação que não obedecem à CEC, estes têm uma interpretação subordinativa e não coordenativa. As comparativas dadas acima possuem uma interpretação canónica e portanto não parecem haver razões empíricas para defender que estas sejam outra coisa que não comparativas.

Um outro tipo de fenómeno que as comparativas exibem – e que não ocorre em estruturas coordenadas – é a possibilidade de topicalizar um termo de comparação tal como evidenciado em (9) e em (10). Estes factos levantam mais problemas para a proposta em Matos (2002).

- (8) a. A Ana gosta do Carlos e do Nuno.
 b.*E do Nuno, a Ana gosta do Carlos _ .
 (9) a. Ninguém é mais louco do que ele.
 b. Do que ele, ninguém é mais louco _ .
 (10) a. Não há quem me conheça tão bem como tu.
 b. Como tu, não há quem me conheça tão bem _ .

Estes factos também são problemáticos para Colação (2005), que segue Matos (2002, 746) e argumenta que os fenómenos de extracção nas estruturas de coordenação se devem a um tipo de elipse que só ocorre em estruturas comparadas e em estruturas de coordenação. Como as comparativas

não obedecem à CEC, a proposta de Colaço (2005) não pode estar correcta. O mesmo tipo de elipse não pode explicar padrões de extracção opostos.

Há porém mais factos que levantam sérias dúvidas para a proposta de Matos (2002, 746). Uma das características mais distintivas das estruturas de coordenação reside na possibilidade de exibir recursão:

- (11) a. [[[O Nuno e a Ana] e [o Carlos e a Cristina]] discutiram a noite toda].
- b. [[[Eu comprei vinho] e [o Carlos comprou cerveja]] mas [apesar disso ninguém comprou copos]].

Em contrapartida, as comparativas não exibem recursividade:

- (12) a.*O prédio é [tão [mais alto do que largo]] [quanto [mais comprido do que estreito]].
- b.*Tanto [eu gosto da Sofia] quanto [[[ela gosta do Tó] tanto quanto [o Tó gosta de mim]]].

Não é claro se a agramaticalidade observada nestes exemplos é de ordem sintáctica ou de ordem semântica, mas estes dados indicam que a propriedade de recursividade que as estruturas coordenadas possuem não tem paralelo nas comparativas. Tal acrescenta motivação empírica à hipótese de que estas não são o mesmo tipo de construção.

Outro argumento usualmente dado na literatura recorre ao facto da Elipse Lacunar (*O Carlos comprou um livro e a Ana _ uma revista*), se aplicar apenas a estruturas de coordenação e a estruturas comparativas. Este argumento não é conclusivo pois existem muitos outros tipos de fenómenos de elipse que ocorrem em muitos outros tipos de estrutura sem que daí decorra que estas são sintacticamente idênticas. Por exemplo, a elipse de VP ocorre em frases condicionais (*Se ela pudesse ir ao cinema eu também podia*), parentéticas (*A Ana, assumindo que eu também posso, pode ir ao cinema hoje*), relativas (*O rapaz que conseguiu entrar na festa disse que tu também conseguiste*), estruturas de coordenação (*A Ana pode ir ao cinema, e nós também podemos*), etc.. Contudo, daí não decorre que condicionais, parentéticas e coordenação tenham a mesma estrutura sintáctica. Do mesmo modo, o facto da Elipse Lacunar apenas ocorrer em estruturas de coordenação e em estruturas comparativas mostra que estas possuem algo

em comum, mas isso não implica que sejam isomorfas.

Em suma, não há evidências claras que suportem a hipótese de que as comparativas são coordenadas. A hipótese mais parcimoniosa e que melhor se enquadra com os dados observáveis é portanto a de que comparativas não são coordenadas.

3 Contra a Concordância Parcial no PTE

Vários autores tais como Munn (1993, 91–95) e Colaço (1999) argumentam que o Português permite duas estratégias de concordância. A estratégia de *concordância por resolução* tipicamente observada em estruturas com ordem canónica, e a estratégia de *concordância parcial* que só é observada em estruturas invertidas:

- (13) a. Um homem e uma mulher telefonaram.
- b.*Um homem e uma mulher telefonou.
- (14) a. Telefonaram a Maria e os teus irmãos.
- b. (?)Telefonou a Maria e os teus irmãos.

Contudo, estas análises não levam em consideração que os fenómenos de concordância parcial se podem dever não a concordância, mas a elipse. Neste perspectiva, o mesmo tipo de elipse responsável por casos como (15) prediz a existência de casos como (16), que dão a ilusão de haver concordância parcial:

- (15) a. Eu [dei à Joana uma rosa branca] e [dei um cravo à Cristina].
- b. O carlos [chegou a Hamilton ontem à tarde] ou [ehegeou a Sidney hoje de manhã]?
- (16) [Telefonou a Maria] e [~~telefonaram~~ os teus irmãos].

É importante salientar que o DP *um cravo* e o SP *à Cristina* não formam um constituinte. Portanto, uma análise elíptica destes exemplos é bem motivada. É também possível encontrar casos semelhantes a (16) em que os elementos que sobrevivem à operação de elipse não formam constituintes:

- (17) [Telefonou um homem na Terça] e [~~telefonaram~~ duas senhoras na Quinta].

Este tipo de exemplo é problemático para a proposta de concordância parcial, mas é obtido como predição da operação de elipse. Mais dados semelhantes são fornecidos abaixo. A elipse prediz que (18a) é gramatical e que (18b) não é.

- (18) a. Entrou um homem no carro e ~~entrou~~ uma mulher no taxi.
b.*Entraram um homem no carro e uma mulher no taxi.

4 Concordância e Integração Semântica

Existem porém casos de concordância que são verdadeiramente problemáticos. Considere-se as frases em (19). Estas contêm um substantivo nominal plural modificado por dois adjetivos singulares:

- (19) a. Os valores são claros nos [pontos [máximo e mínimo]]
b. Os [chás [preto, verde e chinês]] são obtidos da mesma planta

Este padrão é inesperado visto que não há razão para a coordenação de adjetivos singulares resultar em concordância nominal plural. Os adjetivos não denotam uma pluralidade nominal, estes simplesmente predicam o mesmo nominal. Por exemplo, em posição de cópula este fenómeno não se verifica:

- (20) a.*Os pontos cujos valores são mais claros são máximo e mínimo.
b.*Os chás são preto, verde e chinês.

Os dados em (20) confirmam que a coordenação de adjetivos não dá azo a concordância nominal plural. Assim sendo, a explicação para (19) não passa tanto pela coordenação mas sim pela estrutura de adjunção.

Uma possibilidade é a de que este é o resultado de um processo cognitivo de *integração semântica*. Este tipo de processo não está associado à gramática mas sim ao planeamento e estruturação das frases à medida que são produzidas pelos falantes. Uma explicação deste tipo consiste, em linhas gerais, no seguinte. Tome-se por exemplo a frase em (19a). A intenção do falante é a de referir dois pontos: o ponto máximo e o ponto mínimo. Como são dois, o falante poderá escolher uma forma mais simples de exprimir a mesma informação e prefere realizar a forma plural *pontos*

em vez de repetir substantivo singular *ponto* numa coordenação de DPs. O que resta desta coordenação são apenas os adjetivos. De um certo ponto de vista, esta perspectiva é semelhante a uma abordagem elíptica, mas uma em que o elemento elidido é integrado (neste caso, o singular passa a plural).

Porém, só por via de investigação futura será possível avaliar qual a abordagem mais correcta para este tipo de fenómeno.

5 Anáfora e Coordenação

Assumindo que o c-comando é necessário para o processamento de anáfora e que as estruturas coordenadas são binárias, Munn (1993, 16) afirma que um pronome não pode estar ligado a uma expressão situada num termo coordenado mais encaixado à direita:

- (21) *[He_i [and [John_i's dog]]] went for a walk.

A mesma posição é defendida para o Português em Matos (1994, 310) baseando-se no exemplo em (22), que é tido como impossível:

- (22) *Ela_i viu esse livro na livraria mas a Maria_i decidiu não o comprar.

Contudo, os falantes que foram consultados não partilham desta opinião. Para eles tanto a frase acima como as demais abaixo são gramaticais:

- (23) a. Ela_i prometeu que chegava a horas e eu acredito sempre nas promessas da Ana_i.
b. Ninguém a_i convidou para a festa mas a Ana_i decidiu ir à mesma.
c. Eu sei que ela_i gosta de mim e a Ana_i sabe bem que eu gosto dela_i.

O mesmo acontece em Inglês. Muitos falantes consideram (21) aceitável, e consideram (24) e (25) totalmente gramaticais:

- (24) a. I don't think that [the man I saw in his house] and [Fred_i] know each other.
b. [His_i car_j was brand new] and [John_i loved it_j more than anything else].

Os dados em (25) são extraídos de Sag (2000).

- (25) a. We invited [[Betsy's_i mother] and [her_i]] to the ceremony.

- b. A disagreement arose between [[Clinton's_i bodyguard] and [him_i]] over White House security.

Em suma, a noção de c-comando não parece ser relevante para as ligações anafóricas que se podem estabelecer em estruturas de coordenação, ao contrário do que é defendido por Munn (1993) e Matos (1994). Estes dados não confirmam nem refutam uma análise binária para as estruturas de coordenação.

6 Apagamento sub- e supra-lexical

Esta secção dedica-se a um fenómeno de elipse que se observa em estruturas de coordenação, ilustrado em (26). Alguns trabalhos como por exemplo Vigário & Frota (2002) e Vigário (2003) assumem que há na verdade dois fenómenos de elipse diferentes em questão: um que só actua em sintaxe e outro que só actua ao nível lexical (sendo que este último consiste num processo de apagamento de palavra fonológica).¹

- (26) a. Eu prefiro uma casa que tenha, ao passo que a minha mulher parece preferir uma casa que NÃO tenha, uma frente para Sul.
- b. Isto terá impacto nos indicadores macro- e microeconómicos.

Vigário & Frota (2002) e Vigário (2003) propõem que o fenómeno de apagamento de palavra fonológica apenas se aplica em estruturas com coordenação de átomos sintácticos. Consequentemente, qualquer outro caso em que estejam envolvidos dois constituintes sintácticos em estruturas coordenadas não deverão ser explicados através de 'Apagamento Em Coordenação'.

A argumentação que é dada para sustentar esta afirmação não é totalmente pacífica. Por exemplo, argumenta-se que em Português a elipse em sintaxe permite padrões onde existem constituintes que surgem *entre* os itens fonologicamente idênticos, tal como na elipse lacunar (e.g. *O Carlos gosta de cerveja e o Nuno ~~gosta~~ de vinho*). As autoras notam que a elipse em itens lexicais em Português actua sempre sobre os coordenados não-finais e assim concluem que estes são tipos de elipse diferentes. Contudo, este argumento não é convincente. Do facto da elipse lacunar não operar sobre partes de palavras não decorre que a elipse

¹Este tipo de elipse requer foco contrastivo, que se relaciona com o tamanho dos termos coordenados. Quanto maiores estes forem, mais contraste prosódico é necessário.

de partes de palavras seja necessariamente diferente dos processos de elipse que ocorrem em níveis supra-lexicais. Aliás, há um fenómeno muito diferente da elipse lacunar, conhecido como elipse da periferia direita (ou *Right Node Raising*), que é muito semelhante à elipse que acontece em *Assuntos macro- e micro-económicos*:

- (27) a. As pessoas de quem e com quem o Paulo fala são minhas conhecidas.
- b. O site na Web abrangido por esta política de privacidade não está concebido para, ou intencionalmente dirigido a, crianças menores de 13 anos.

Há assim evidências que indicam que a elipse da periferia direita tanto se aplica a constituintes sintácticos como a constituintes lexicais, para apagar estruturas fonológicas idênticas. Eis alguns casos atestados do corpus CETEMPúblico que sugerem que a elipse da periferia direita pode aplicar-se tanto a elementos sub- como a elementos supra-lexicais:²

- (28) a. Esta investigação tem aplicações tanto na bio- como na nanotecnologia.
- b. Tanto o pré- como o pós-processamento dos dados será feito pelo mesmo grupo de especialistas.
- c. Neste trabalho iremos comparar a Alemanha PRÉ- com a Alemanha PÓS-guerra.
- (29) a. Mas entre o pré- e o pós-referendo, houve também uma outra alteração fundamental.
- b. Estas estruturas podem ser bi-, ou até mesmo, TRIdimensionais.

Existem aliás casos atestados de elipse sub- e supra-lexical simultânea. Por exemplo, em (30a) o que parece ser apagado é uma parte de uma palavra na presença de uma palavra livre no segundo constituinte coordenado: [*ex-vereadores ou actuais vereadores*]. Este tipo de exemplo é problemático para Vigário (2003) porque não só mostra elipse de itens sub-lexicais em coordenação de DPs, mas como no segundo coordenado não é apagada parte de uma palavra, mas sim a palavra inteira. Em (30c) pode ser observado um caso ainda mais complexo.

²Tal como a frase que se acabou de enunciar.

- (30) a. O presidente do PS não vai propor a candidatura de nenhum dos ex- ou actuais leitores, nem do próprio Luís Mina (...)
- b. Monitores, na sua grande parte ex- ou actuais alunos deste Departamento, têm feito acompanhamento das visitas (..)
- c. Qualquer dia as forças policiais são constituídas por ex- ou actuais delinquentes, para não referir criminosos.

Os dados sugerem que a elipse da periferia direita é uniforme e aplica-se tanto a elementos lexicais como a elementos sintagmáticos.³

Faço notar aqui que estes fenómenos não são específicos do Português e ocorrem em Alemão e Neerlandês tal como notado em Booij (1985), e mesmo em Inglês, por exemplo:

- (31) a. Did you order the hard- or the soft-cover edition?
- b. The difference between a five- and a ten-minute therapy session.
- c. You can choose between a single- and a double-digit number.
- d. These events took place in pre- or in post-war Germany?

7 Conclusão

Este trabalho evidencia que as estruturas de ordenação e as estruturas de comparação não têm sido adequadamente caracterizadas. Não existem bons argumentos a favor de uma análise em que as comparativas sejam um tipo de estrutura coordenada: as comparativas não obedecem à Condição da Estrutura Coordenada de Ross, são muito mais restritivas quando às categorias dos constituintes que podem formar, e não permitem recursão.

Por outro lado, não é necessário assumir que o Português exhibe dois tipos de estratégia de concordância em estruturas coordenadas: concordância

³Vigário & Frota (2002) argumentam também que a elipse da periferia esquerda não é possível a nível lexical. Mas exemplos como os dados abaixo sugerem que este tipo de elipse pode mesmo existir, embora seja pouco frequente:

- (a) ... detonadores que funcionam com pressão, tal como as minas anti-pessoal ou -carro.
- (b) Os danos foram provavelmente causados por protestos anti-guerra ou -globalização.

por resolução e concordância parcial. Os fenómenos de concordância parcial podem ser obtidos por meio de uma operação de elipse que é independentemente motivada.

Não existem igualmente assimetrias no que diz respeito a ligações anafóricas entre os membros coordenados: tanto ligações anafóricas como ligações catafóricas são permitidas. As últimas são mais difíceis de contextualizar, mas esta é uma característica comum à catáfora. Por razões provavelmente cognitivas, o processamento linguístico é preferencialmente feito linearmente.

For fim, argumenta-se que não é possível sustentar que existem dois tipos de elipse periférica, um para sintagmas coordenados e outro para itens lexicais coordenados. Pelo contrário, os dados sugerem que se trata do mesmo fenómeno.

Referências

- Booij, G. (1985). Coordination reduction in complex words: A case for prosodic phonology *Advances in Nonlinear Phonology*, Harry van der Hulst and Norval Smith (eds.), vol. 7 of *Linguistic Models*, 143–160, Dordrecht: Foris.
- Colaço, M. (1999). Concordância parcial em estruturas coordenadas. In *Actas do XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 349–367. Aveiro.
- Colaço, M. (2005). *Configurações de Coordenação Aditiva: Tipologia, Concordância, e Extração*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Matos, G. (1994). Estruturas binárias e monocêntricas em sintaxe. In *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 301–315. Lisboa: APL e Colibri.
- Matos, G. (2002). Estruturas de coordenação. In H. Mateus (Ed.), *Gramática da Língua Portuguesa*, pp. 549–592. Lisboa: Caminho (5ª edição, revista e aumentada).
- Munn, A. B. (1993). *Topics in the Syntax and Semantics of coordinate structures*. Ph.D. dissertation, University of Maryland, Maryland.
- Ross, J. (1967). *Constraints on Variables in Syntax*. Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, Massachusetts.
- Sag, I. A. (2000). Another argument against Wh-trace. Jorge Hankamer Webfest. <http://ling.ucsc.edu/Jorge/sag.html>.
- Vigário, M. (2003). Quando meia palavra basta: apagamento de palavras fonológicas em estruturas coordenadas *Razões e Emoção*, Vol.II.
- Vigário, M. & S. Frota (2002). Prosodic word deletion in coordinate structures *Journal of Portuguese Linguistics*, I, 241–264.